

A REALIDADE DO MUNDO E DA IGREJA INTERPELA A APÓSTOLA PAULINA

Giovan Battista Brunori¹

Introdução

“A atividade missionária representa, ainda hoje, o máximo desafio para a Igreja” e “a causa missionária deve ser a primeira”, afirma o Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii gaudium*². E acrescenta: “não podemos mais permanecer tranquilos, esperando, passivamente, dentro de nossas igrejas”. É necessário passar “de uma simples pastoral de conservação a uma pastoral decididamente missionária”. Esta tarefa continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja: “Haverá mais alegria no céu por um pecador que se converta, do que por noventa e nove que não precisam de conversão” (Lc 15,7).

O Papa quer uma Igreja em saída, uma Igreja missionária, de portas abertas, que saiba anunciar a todos a alegria do Evangelho. Uma Igreja que seja um “hospital de campanha” para tratar as feridas da mulher e do homem de hoje, feridas no corpo, no espírito, na mente; Francisco impele a Igreja a sair de suas próprias seguranças para ir e dialogar com o ser humano, com suas fragilidades, nas periferias existenciais do mundo.

Na ótica de um *voluntário de hospital de campanha*, tentarei agora apresentar uma visão geral do que está acontecendo no mundo, destacando as mudanças em ato e as crises que requerem uma particular atenção de nossa parte, porque somente vendo com clareza o que está em jogo, podemos tomar medidas para transformar o mal em bem.

Os três polos de um mundo em mudança

Lendo os jornais, assistindo os noticiários da TV, podemos ter a impressão de que o mundo está acabando: como se sabe, no circuito mediático as más notícias tendem a se impor, chegam primeiro e obscurecem as boas. Mas talvez seja mais correto dizer que “um mundo” está terminando e que outro está prestes a emergir, um mundo cujas características ainda não conhecemos.

Precisamos ter em mente alguns fatores: muitos países ainda estão lutando contra os efeitos da pior crise econômica da Grande Depressão de 1929, que recomeçou em 2008 e duraram dez anos; uma crise que atingiu o período ainda dominado pelo choque da onda de ataques islâmicos que ensanguentam o mundo com trágica repetição já há quase vinte anos, sobretudo depois do 11 de setembro. Nesta situação precária, surgiu a nova onda de migração que, a partir de 2013, teve um impacto desestabilizador.

¹ **Giovan Battista Brunori** (Livorno, 1964) arquivista, jornalista profissional, atualmente vice-editor exterior e vaticanista da Tg2. Ele criou o Dossiê Tg2 *A caminho rumo ao Jubileu* (2015) e *A nova vida do Papa teólogo* (2019), reportagens na Rússia, no Norte da África, no Oriente Médio, na Sérvia, Iraque. Ele planejou e conduziu a rubrica semanal da Rai3 *Rumo ao Jubileu*, em preparação para o Ano Santo de 2000 e coordenou a rubrica semanal da Rai3 *Dentro do Jubileu*. Eleito para a Ordem dos Jornalistas do Lazio em 2013, foi Presidente do Conselho de auditores (2013-2017). Publicou *Bento XVI. Fé e profecia do primeiro papa emérito na história*, Paulinas (2017), traduzido para o espanhol (2018), e *A Cruz e a Sinagoga* de Franco Angeles (2005). É o vencedor do Prêmio Jornalista de Televisão “*Ilaria Alpi*” 1998 e do “Prêmio *Personalidade Europeia*” 2005. É Presidente da Associação de Voluntariado *Il Melograno, solidarietà ambiente cultura* sediada no Centro Cívico municipal de Le Rughe (Formello, Roma).

² Papa Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium* [EG], 15, Cidade do Vaticano 2013.

O mundo está mudando rapidamente, tornou-se mais instável e multipolar: os Estados Unidos, a China e a Rússia estão competindo pela supremacia global. Um mundo em que o Ocidente parece perder progressivamente a força. Enquanto isso, o peso econômico e político da maior democracia do planeta está crescendo: a Índia, um bilhão e 300 milhões de pessoas, com sua tradicional política externa de não alinhamento, consegue conversar com todos.

Um papel significativo nas mudanças dos últimos anos foi assumido pela presidência americana de Donald Trump, que modificou o modo de como os Estados Unidos se posicionam no tabuleiro internacional de xadrez. Trump se move com o passo de um empreendedor, batendo os punhos na mesa, quer impor a sua posição nas negociações com os concorrentes, vender produtos americanos (também armas) no mundo, fortalecer sua economia, salvar os postos de trabalho ameaçados pela deslocalização das empresas nos Países externos: “America First”, “Primeiro a América” é, de fato, o lema com o qual venceu as eleições. Ele quer defender as fronteiras, impedir a chegada de imigrantes ilegais.

Também na luta contra as mudanças climáticas, Trump reverteu rapidamente a tendência: prefere continuar alimentando fábricas a carvão, mesmo que elas poluam: o carvão serve para garantir a produção industrial americana e, assim, salvar os empregos daqueles operários que votaram nele e que continuam a apoiá-lo. É por isso que se retirou dos acordos de Paris sobre as mudanças climáticas: reduzir as emissões de dióxido de carbono também significa frear o crescimento da indústria.

No futuro imediato, os números parecem dar razão ao chefe da Casa Branca: o nível de desemprego é particularmente baixo, a economia está crescendo; mas, a longo prazo, os Estados Unidos dificilmente conseguirão manter a força que tiveram até agora no cenário internacional.

Os Estados Unidos, que historicamente foram um farol dos valores da liberdade e da democracia, durante anos, a única superpotência após a queda do Muro de Berlim, é hoje um grande país que redescobre sua fragilidade, que considera seu papel de “policial do mundo” muito caro e, portanto, tende a retirar-se de alguns grandes cenários para concentrar-se, sobretudo em seus interesses internos.

Washington anunciou a retirada das tropas do Afeganistão e da Síria. Mas o vazio deixado pelos Estados Unidos é preenchido pela Rússia de Vladimir Putin, muito habilidoso e ambicioso em política externa, que está gradualmente restaurando o poder da ex-União Soviética.

Além dos Estados Unidos e da Rússia hoje há outro competidor mundial, a China, liderada pelo presidente Xi Jinping, definido por alguns como “o novo Mao”. Protagonista de um extraordinário crescimento econômico, segundo vários analistas, a China pode se tornar a primeira superpotência mundial em 2050, em competição direta com os Estados Unidos e a Europa.

Nos últimos anos com a nova “Rota da Seda”, a China está lançando as bases para novos equilíbrios e para uma nova ordem mundial. A China – guardiã de uma grande civilização – quer construir rotas não só de comunicação comercial, mas também cultural entre o Oriente e o Ocidente: um enorme projeto de investimentos, nunca realizados até hoje, que envolve 70 nações, quase a metade da população do planeta. Não por acaso entre os historiadores se discute se o predomínio ocidental que durou cinco séculos não está desaparecendo.

E, no entanto, é um País que está conquistando prosperidade sem ter alcançado a democracia: nos últimos anos, o regime comunista tornou-se capitalista, mas não democrático. Este aspecto representa uma grande novidade para o mundo e também um grande ponto de interrogação. O presidente americano Trump – um dos primeiros a compreender o alcance da estratégia chinesa – por isso está modificando o sistema das relações internacionais: ajustou uma guerra comercial com a China, reconectou as relações com um aliado tradicional como a Arábia Saudita, rompeu os acordos nucleares com o Irã acusado de querer estender a sua influência fomentando o terrorismo.

A África, tradicionalmente continente colonizado e explorado, é hoje atravessada por mudanças extraordinárias e positivas: o boom tecnológico está mudando a face do continente, a economia está crescendo, grandes empresas multinacionais estão investindo milhões de dólares no setor de tecnologia. No continente – onde a pobreza, as guerras, a fome e a seca ainda afetam segmentos vastíssimos da população, e a metade dos habitantes ainda vive com menos de dois dólares por dia – o uso da tecnologia está crescendo rapidamente, promovendo a educação, grandes barragens, ferrovias e usinas de energia estão sendo construídas. O mundo árabe, investido desde 2011 pelas chamadas

“nascentes árabes”, na realidade, ainda bastante sacudido por convulsões violentas, pela instabilidade política que, em alguns casos, provocaram verdadeiras guerras (como na Síria) e em outros, levou ao poder movimentos islâmicos, que, por sua vez, foram expulsos do poder pelos novos regimes, como aconteceu no Egito. Países democráticos, como a Tunísia ou Marrocos, mantêm sua frágil estabilidade, mas o caminho do mundo árabe em direção à democracia e à estabilidade – de modo geral – está ainda muito longe.

A América Latina também está mudando: agora são diversos Países que escolheram programas conservadores com liberalizações, cortes nos gastos públicos, envolvimento dos militares na gestão da ordem pública. Particular destaque é a virada da presidência Bolsonaro no Brasil, que encerrou a era do presidente socialista Lula, resultando uma mudança no equilíbrio de todo o subcontinente sul-americano. A Venezuela do presidente Maduro – que conta com o apoio da Rússia e da China, mas está mais isolada do que no passado – agora está dividida, à beira de uma guerra civil.

As dores da velha Europa

A Europa – uma comunidade com 500 milhões de habitantes – hoje está mais frágil e incerta. A União Europeia ainda não consegue falar com uma só voz. E, no entanto, a Europa, rica e tecnologicamente avançada, traz consigo muitos valores fundamentais que estão na base de sua organização: os direitos civis e políticos, os direitos das mulheres, das crianças, o direito à educação, a não aceitação da pena de morte, a liberdade de imprensa. Nas eleições de maio, pela primeira vez, dois modelos de Europa se confrontaram: de um lado as forças que trabalharam para construir a União Europeia e que governam ainda em Bruxelas, que veem na globalização, na liberdade de circulação de pessoas e mercadorias uma oportunidade de crescimento para todos; e por outro, os movimentos e partidos soberanistas, segundo os quais a globalização enriqueceu especialmente as elites e empobreceu uma parte consistente da população, em particular a classe média. Os movimentos soberanistas cresceram em muitos Países, mas não conquistaram a maioria no Parlamento Europeu.

Na Europa, como nos EUA, muitas pessoas hoje temem o risco de um declínio: as transformações no mundo do trabalho, a automação que tira lugares de trabalho de seres humanos, a desocupação, o envelhecimento da população, a instabilidade política, mesmo nas democracias mais sólidas despertam ansiedade. Um clima de incerteza que alimenta o medo, a raiva e, em alguns casos, a violência, o racismo e o antissemitismo.

Uma fragilidade alimentada por muitos fatores: crise de valores, crise das ideologias, crise dos partidos tradicionais.

Uma crise de identidade que traz com ela o dilema sobre quais são as nossas raízes, o que preservar dessas raízes e o que relançar para construir o nosso futuro. Ter uma identidade clara (também se positiva, dialógica, aberta ao diferente de si) significa ao invés ter recursos, energias, ideias para construir o futuro. Ter uma identidade clara também significa, em última análise, ser capaz de agir como protagonistas, também num mundo complicado como o nosso. A recusa de certo mundo laicista de confrontar-se pacificamente sobre as raízes culturais e religiosas que historicamente influenciaram a Europa é uma fonte de debilidades.

Terrorismo, impacto das migrações, necessidade de integração

Um fenômeno que há mais de 20 anos afeta o mundo todo, não apenas a Europa ou o Ocidente, é o terrorismo islâmico. Uma ideologia política violenta que vê na democracia ocidental a fonte de todos os vícios e corrupção, e nos regimes do mundo islâmico – que consideram corruptos –, um inimigo a ser abatido.

A maioria das pessoas de fé islâmica é pacífica e rejeita a violência, porém a propaganda que depende da interpretação literal de algumas passagens dos textos sagrados islâmicos – publicados na Internet – provoca uma grande aceitação dos fanáticos, psicopatas e também criminosos comuns,

que assumindo o modo de ser dos “vingadores” adquirem uma forma perversa de “dignidade” e – tornando – se kamikazes dão sentido às suas frustrações, ao seu desejo de um fim “glorioso”.

A contínua propagação de notícias sobre terroristas, que dizem se inspirar no Islã e espalham o “dever de matar” inocentes pelo “dever de acreditar”, dá a impressão de que os muçulmanos são todos terroristas. Um clima de medo, desconfiança e ódio contra os islâmicos está sendo difundido, e em geral, contra os estrangeiros.

A presença de imigrantes nas cidades e no campo, suscita, em alguns casos, uma atitude de acolhimento e, em outros, a descoberta dos símbolos cristãos e um despertar identitário em oposição às identidades dos imigrantes, em outros casos – sobretudo nas periferias degradadas, onde falta tudo e as pessoas são abandonadas pelas instituições – provoca medo e raiva.

Crescem as ameaças e as agressões contra as minorias: além dos episódios de islamofobia crescem os de antissemitismo, como acontece na França ou na Suécia onde pessoas de religião judaica, incluindo crianças, são insultadas e atacadas na rua, em alguns casos as pessoas são brutalmente matadas em suas casas. Por isso, muitos judeus tendem a emigrar para Israel. Em muitos casos, esses ataques são de matriz islamita.

Se os imigrantes não são integrados na sociedade com projetos locais, o acolhimento pode até ser contraproducente: os migrantes correm risco de serem vítimas da degradação, do crime, desencadeando no imaginário coletivo, o preconceito que “imigrante é igual a delinquente”.

Neste clima de incerteza e medo, emerge o fenômeno epocal de novas migrações, diante do qual até a Europa fechou substancialmente as portas. O acolhimento dos migrantes é extremamente impopular, e os líderes políticos sabem que os que abrem suas portas aos migrantes serão penalizados nas eleições. Precisamente este clima de medo dos recém-chegados, medo do diferente, medo de perder o emprego, as próprias seguranças, o próprio bem-estar – alimentado pelo espanto de notícias que infelizmente também os imigrantes são protagonistas – condiciona as escolhas de muitos eleitores, partidos políticos, governos.

Além dos fenômenos que são registrados na superfície, devemos ver também o que está mudando na profundidade. No Ocidente, após dois séculos de crescimento econômico constante, atualmente, pela primeira vez os filhos geralmente estão em situação pior que a de seus pais. A vida nas famílias se tornou mais difícil: há uma crise de esperança, uma crise de futuro que preocupa, sobretudo as jovens gerações, num período histórico em que, além disso, os valores éticos e religiosos estão enfraquecendo. Difundiu-se um clima de desconfiança e de rancor que ameaça romper a gama que une as sociedades.

O papel do Ocidente

O Ocidente parece cheio de bem-estar, mas também está com medo porque se sente ameaçado. Uma Europa cansada que envelhece, que tende a não ter filhos e, portanto, parece querer despedir-se da história. Um Ocidente que, em última instância, parece odiar a si mesmo, como o Cardeal Ratzinger afirmava: o Ocidente tenta, de maneira louvável, “abrir-se plenamente à compreensão dos valores externos, mas não ama mais a si mesmo; na sua própria história, agora ele vê apenas o que é deplorável e destrutivo, mas não está mais em grau de perceber aquilo que é grande e puro”. “Para sobreviver, a Europa precisa de uma nova – certamente crítica e humilde – aceitação de si mesma, se realmente quer sobreviver. O multiculturalismo, que chega continuamente e com paixão, encorajado e favorecido, é, às vezes, sobretudo abandono e negação daquilo que é próprio, fuga das coisas próprias. Mas o multiculturalismo não pode existir sem constantes elementos comuns, sem pontos de orientação a partir dos próprios valores. Seguramente ele não pode subsistir sem respeito pelo que é sagrado”³. A identidade europeia que Bento XVI via originada no encontro entre três fontes principais: Jerusalém, Atenas e Roma, o encontro entre a fé no Deus de Israel, a filosofia grega e o pensamento jurídico romano⁴.

³ Ratzinger, *Lectio magistralis su Europa. I suoi fondamenti spirituali ieri, oggi e domani*, Biblioteca del Senato italiano, 13 de maio de 2004.

⁴ Bento XVI, *Discorso al Parlamento tedesco*, 22 de setembro de 2011.

A situação hodierna da Igreja

E vejamos agora a situação atual da Igreja. Papa Francisco revolucionou a imagem do Romano Pontífice, imprimindo um estilo muito carismático ao papel do bispo de Roma e pastor da Igreja universal. Seguindo os passos dos antigos profetas de Israel que denunciavam, sem meios termos, os poderosos da época e as hipocrisias da classe sacerdotal, o Papa Francisco imprimiu uma aceleração aos ritmos tradicionais da Igreja para fazê-la retomar, na mão, o Evangelho “sine glossa”, distanciou-se da imagem tradicional de uma Igreja “super partes”, marcando uma virada decisiva e radical em direção aos pobres, deserdados, migrantes, ciganos, desenvolvendo as aspirações do Concílio Vaticano II.

O Papa, que concebe a Igreja como um “hospital de campanha”, pretende levar o Evangelho em cada casa, optando quase a fazer a missão “porta a porta”, também telefonando pessoalmente às pessoas comuns. Ele convocou o Jubileu extraordinário da misericórdia e o iniciou a partir da África Central.

Com a primeira encíclica sobre a ecologia *Laudato si'*, abriu um novo caminho para a Igreja: ainda que na tradição cristã não faltem referências em relação harmoniosa com a natureza, e mesmo que seus predecessores tivessem levantado o dedo contra a destruição dos recursos naturais, nenhum pontífice havia chegado tão longe na tutela da “Casa comum”.

O primeiro Papa latino-americano da história, exprime um ponto de vista original, não europeu, em relação aos seus predecessores: ele não viveu a Shoah, nem o confronto Oriente-Occidente. O papa argentino, que vê os Estados Unidos com o olhar de muitos latino-americanos, levou a Igreja a desenvolver relações muito frutíferas com a Rússia, Cuba e China. O primeiro Papa jesuíta da história, olha com particular atenção a evangelização da Ásia: de grande importância o novo acordo entre a Santa Sé e Pequim sobre as nomeações episcopais, que embora criticado por parte de alguns setores da Igreja, constitui um passo para frente, decisivo para o futuro dos católicos na China e em vista da normalização das relações entre a Sé de Pedro e a China, e este acordo estratégico acontece enquanto a China está se impondo sempre mais como nova superpotência.

Convicto defensor do diálogo ecumênico e inter-religioso fez do diálogo com o Islã uma prioridade do pontificado. O objetivo do Papa é fazer das religiões um poderoso fator de diálogo e de paz, para que contribuam ativamente na desmilitarização do coração do homem.

Papa Francisco relançou, com uma força sem precedentes, a luta contra o abuso de menores: em sua visão, a pedofilia, além de ser um crime e um pecado horrível – que Francisco comparou aos sacrifícios humanos – é um abuso de poder resultante de uma mentalidade clerical dura de morrer.

O Papa coletou e relançou, pela primeira vez, a questão de abusos contra as religiosas, e abordou firmemente que o papel das irmãs na Igreja, não pode ser apenas o de uma função auxiliar: colocou o tema da “submissão” das religiosas, que elas não são as domésticas de padres, bispos ou cardeais. “Escravidão não, serviço sim”, disse Francisco à União Internacional das Superiores Gerais.

O Papa não teme o debate dentro da Igreja, pelo contrário, ele o favorece, mas preocupa o clima que, há alguns anos, se vive no mundo católico, um clima cheio de polêmicas. Alguém falou de um “pontificado dramático” em que se veem cardeais que acusam o papa e ateus que o defendem. Na Igreja, certamente as oposições não são novas, mas nunca se viu ataques tão frequentes e organizados ao Romano Pontífice. Certamente, o Papa Francisco está comprometido – mais que definir com precisão formulações doutrinárias – a fazer com que a Igreja e o mundo tenham atenção evangélica aos últimos; mas creio que aquilo que suscita resistências seja, em particular, a missão que o Pontífice atribuiu à Igreja de fazer “entrar a lógica do Evangelho no pensamento e nos gestos dos governantes”, como ele falou numa entrevista. No alvo dos acusadores está a defesa dos migrantes, tão evidente neste pontificado, e a firme e repetida denúncia contra as “políticas” que muitos Países e seus líderes querem para combater o fenômeno da imigração ilegal, como os muros e “os portos fechados” até ao acolhimento.

Um pontificado que “vai ao ataque” e está “sob ataque”

Neste período histórico dominado pelo fenômeno das migrações e pelo crescimento dos soberanismos, o atual pontificado é atacado mais por razões políticas do que doutrinárias. Um pontificado que “vai ao ataque” e está sendo atacado. É o estilo “movimentista” de uma Igreja que o Papa deseja irrequieto e próximo dos últimos, que inova profundamente o estilo que tradicionalmente caracterizou sua história, que abala muitas certezas e obriga todos a tomar partido.

Feita a ressalva da defesa dos últimos, que está no DNA da Igreja, acredito, porém, que hoje é necessário olhar para frente, evitando de acabar em polêmicas “políticas” sobre questões que veem – e provavelmente serão vistas também no futuro – a Igreja manter-se em minoria. É bom manter a distinção tradicional entre religião e política: o Evangelho é a bússola que deve guiar o caminho da Igreja, mas não fornece soluções “políticas” utilizáveis “aqui e agora” que são invés de pertinência política de leigos comprometidos na política. Devemos trabalhar sem nos cansarmos na ótica da *gradualidade*. A radicalização do confronto, mesmo que em nome da fidelidade aos valores evangélicos, poderia criar mais problemas de quantos este gostaria de resolver.

Além disso, em relação ao fenômeno das migrações, dado o fracasso de vários modelos de integração, acredito que devamos também ouvir a rejeição substancial do globalismo e de uma visão multicultural da sociedade expressa pelas populações ocidentais não para aceitá-lo assim como é, mas para compreender quais são as profundas razões deste desconforto e tentar remediá-lo.

É preciso virar a página, mudar o padrão, sem perder a força da profecia, reencontrar no interno do mesmo mundo católico, na Igreja, entre as comunidades religiosas, as razões de estarmos juntos, costurar novamente o tecido que nos une.

Não obstante séculos de evangelização, hoje em ambientes agora descristianizados, é indispensável voltar a preparar o terreno sobre o qual semear o anúncio evangélico “explícito”. Se o homem e a mulher contemporâneos estão se afastando do cristianismo – pensando poder agir por si sós, tendo atingido o bem-estar, habilidades técnicas e científicas extraordinárias, níveis de poder, liberdade e controle da natureza nunca antes alcançados – devemos acompanhá-los em seu caminho e discutir com eles, como Jesus fez com os discípulos de Emaús, enquanto eles se afastavam de Jerusalém. A mulher e o homem de hoje, por trás da armadura de suas próprias riquezas e do próprio orgulho, escondem uma profunda insegurança interior, uma fragilidade, às vezes, desespero, uma forte necessidade de amor, um desejo de encontrar um sentido para suas vidas. Com esses corações frágeis e cheios de ansiedade, somos chamados a entrar em comunicação. “Cor ad cor loquitur” era o lema do Cardeal Newman: Jesus comunica “coração a coração” com cada mulher e cada homem.

Nova evangelização e pré-evangelização

Na nova evangelização não basta uma abordagem “teológica”, segundo a qual devemos falar de Deus de maneira nova e introduzi-lo na conversação: se antes o terreno não for limpo e preparado, as palavras passam sem produzir frutos. Sem uma ajuda concreta às pessoas, sem um diálogo verdadeiro e profundo, sem amizade, tudo será inútil.

O cristianismo trouxe na história do homem um rio de gestos de amor, exatamente aquilo que a mulher e o homem de hoje precisam dramaticamente: amor, aquele que não trai e que dá esperança, amor que cura as feridas do corpo e da alma, que cura as relações entre os seres humanos. Somente o amor faz nascer a pergunta sobre Deus ou a ressuscita, se foi enterrada em algum canto remoto da alma humana. É necessário voltar a fazer pré-evangelização.

É um caminho longo e não sem obstáculos, mas não creio que exista outra maneira de se recuperar: precisamos fazer cultura de base, com bibliotecas, livrarias, escolas, associações, paróquias. Os cristãos podem e devem voltar a ter um papel de liderança no seu espaço, a partir de sua experiência de fé.

É preciso trabalhar para alcançar uma verdadeira “ecologia humana”: reconstruir o ser humano, ajudando-o a redescobrir quais são os verdadeiros comportamentos humanos, os verdadeiros valores sobre os quais construímos uma existência, distinguindo o bem do mal. Uma missão que cuida não

só da alma, mas também do corpo das pessoas, que cura as feridas da humanidade, das identidades frágeis, das pessoas que não sabem amar porque não receberam amor, das pessoas que não conhecem a Deus ou que receberam uma imagem deformada de Deus.

Às vezes parece-nos ver uma regressão do ser humano, quase uma espécie de “mutação genética” preocupante nos jovens, e também nos adultos.

Por exemplo, na Itália, está se espalhando nas escolas aquilo que é definido “emergência educacional”: o nível de aprendizado dos jovens caiu significativamente, muitas vezes os programas escolares se adaptam aos níveis mais baixos das habilidades alcançadas pelas crianças, para não mencionar o comportamento de muitos jovens que mostram sinais de fragilidade comportamental, de agressividade. No entanto, podemos e devemos fazer muito pela escola, pela educação dos jovens. Precisamos investir em “formação”: formação de professores, de alunos, dos pais, que muitas vezes não sabem como educar seus filhos. Podemos conseguir resultados extraordinários.

Encontramos jovens oprimidos por responsabilidades maiores do que eles, responsabilidades que os pais não querem assumir.

Encontramos muitos jovens bons, ativos intelectualmente e cheios de confiança no futuro, ajudados por professores que acreditam na educação, mas também encontramos crianças vítimas de um pessimismo aparentemente sem saída.

Aconteceu numa terceira série (crianças de 8 anos), num bairro popular nos arredores de Roma: minha esposa Giovanna, diretora do Serviço Escolar e Universitário das Instituições de Bibliotecas de Roma, teve de realizar uma reunião sobre livros que tinham como tema *a liberdade*. À pergunta banal, “Vocês gostam da liberdade?”, a resposta unânime das crianças foi: “Não, não gostamos da liberdade!” Diante do desalento de Giovanna, as crianças deram suas razões; uma disse: “Eu não gosto da liberdade porque se eu sou livre para fazer o que eu quero é cansativo. Eu prefiro que alguém me diga o que fazer porque me sinto mais calmo”. Ainda outro: “A liberdade não existe”. E todas as outras crianças concordaram com a tese que contra o mal não se pode fazer nada e que a liberdade não serve para melhorar as coisas.

Giovanna, pacientemente, desmontou todas as teses deles, dando exemplos concretos de situações negativas que depois foram resolvidas positivamente, fazendo passar a mensagem que também nas situações difíceis não se deve jamais perder a esperança.

Depois de uma hora e meia de conversa essas crianças finalmente concordaram: “É melhor ter liberdade!” Saíram da sala de aula gritando ritmicamente: “Viva a liberdade, viva liberdade”.

Conclusões

A resposta vencedora diante das convulsões do mundo moderno é se tornar apóstolas e apóstolos capazes de criar o que é possível criar: criar amor falando, escrevendo – em revistas, livros, bate-papos, web – palavras que falam de amor e ajudam as pessoas a amar. Não basta “repetir”, é preciso “inventar” na literatura, na poesia, na ciência. Provavelmente, um dos problemas mais sérios da Igreja moderna não é tanto de ter tido líderes ruins ou medíocres, mas de ter perdido a iniciativa no campo do pensamento, um pensamento original que ajuda os seres humanos a viver. Os católicos frequentemente deixaram de produzir ideias. Em vez disso, com a ajuda de Deus, isso está ao nosso alcance e é exatamente o que é necessário.

Nisto vocês, Filhas de São Paulo, são uma luz com sua inteligência, criatividade, espiritualidade, e deixe-me falar-lhes da alegria que vi brilhar nos rostos das irmãs com quem tenho colaborado: se percebe, não apenas por que vocês o fazem, mas “como” vocês o fazem. Pode ser visto a partir da seleção dos trabalhos que vocês oferecem aos leitores, mas também do cuidado e dedicação com que os difundem, do cuidado com o qual realizam seu serviço. Pode ser visto no entusiasmo com que vocês se lançam nos novos desafios editoriais, nas novas fronteiras das mídias sociais.

A palavra “cristianismo” – que hoje para muitos ainda está associada à tristeza, punição e opressão – deve voltar a ser uma palavra “feliz”, que fala de amor, com certa qualidade de amor: o *ágape*. Um amor que também significa carregar o mal dos outros, como Jesus fez na cruz. A força do cristianismo era precisamente a capacidade de inventar novas formas de fraternidade. O novo estilo de vida iniciado pelo movimento gerado por Jesus é aquele que atinge o mundo de hoje, um amor que dissolve a depressão, um amor mais forte que a morte. Um amor que tem o poder de mudar – concretamente – a vida.

Quando o cristianismo voltar a ser uma palavra “feliz”, uma “boa nova”, então, e somente então, terá um grande futuro na sociedade moderna.